

Capítulo 8

PESQUISA NARRATIVA: UM ESTUDO DA EXPERIÊNCIA

Scheilla Regina Glaser

Doutora e Mestre em Música, Bacharel em Piano (UNESP), Especialista em Fundamentos Psicopedagógicos da Arte e da Comunicação (Mackenzie), Licenciada em Música (complementação pedagógica). Leciona na Escola Municipal de Música de São Paulo desde 1999 e coordenou os cursos de graduação em música da FAMOSP de 2017 a 2023. scheillag@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma compreensão da pesquisa de investigação narrativa como proposta por Jean Clandinin (CLANDININ, 2006, 2007 e 2013) e pela mesma pesquisadora em conjunto com Michael Connelly (CLANDININ e CONNELLY, 2000, 2011) esclarecendo suas bases. Refere-se à parte do capítulo da Tese “Desatando nós - estudo a respeito de desconfortos gerados no processo de aprendizado performático-pianístico” (GLASER, 2020).

Palavras-chave: Pesquisa narrativa. Jean Clandinin. Estudo da experiência.

ABSTRACT

This article presents an understanding of narrative investigation research as proposed by Jean Clandinin (CLANDININ, 2006, 2007 and 2013) and Jean Clandinin and Michael Connelly (CLANDININ and CONNELLY, 2000, 2011) clarifying its bases. It refers to part of the Thesis chapter “Untying us - study about discomforts generated in the performance-pianistic learning process” (GLASER, 2020).

Keywords: Narrative Inquiry. Jean Clandinin. Study of experience.

INTRODUÇÃO

Segundo Jean Clandinin, “a investigação narrativa é uma abordagem direcionada ao estudo da vida humana, concebida como uma forma de prestigiar a experiência vivida como fonte importante de conhecimento e compreensão” (CLANDININ, 2013, p. 17) ⁵.

⁵Narrative inquiry is an approach to the study of human lives conceived as a way of honoring lived experience as a source of important knowledge and understanding (CLANDININ, 2013, p. 17).

A prática do estudo de narrativas em pesquisas na área de humanas é uma ciência que se desenvolveu no século XX, não sendo, portanto, uma novidade. Wayne Bowman (*in* BARRET; STAUFFER, 2009, p. 222) sugere que, ao se utilizar da investigação narrativa, um pesquisador deve: comunicar ao leitor que conceito de narrativa está utilizando e como compreende a metodologia; explicar o motivo da sua escolha pela aplicação deste método e quais os objetivos da sua utilização; e esclarecer vantagens e/ou desvantagens previstas.

Este artigo tem o propósito de apresentar um panorama do que é pesquisa narrativa em acordo com a proposta de Jean Clandinin (2006; 2007; 2013), pesquisadora canadense que fundou e dirigiu o “Centre for Research for Teacher Education and Development at the University of Alberta” e dedicou-se ao reconhecimento da pesquisa narrativa como modalidade metodológica.

Pesquisa narrativa (*Narrative Inquiry*) é uma modalidade de pesquisa que se estrutura na narração das histórias vividas e contadas pelos pesquisados. É um estudo da experiência humana. “A investigação narrativa é uma maneira de estudar as experiências das pessoas, nada mais e nada menos”⁶ (CLANDININ, 2013, p. 38).

o estudo da narrativa é o estudo das maneiras como os humanos vivenciam o mundo. Este conceito geral é refinado sob a perspectiva de que a educação e a pesquisa educacional são a construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais; estudantes, professores e investigadores são contadores de histórias e personagens na sua própria e nas histórias de outros⁷.(CLANDININ; CONNELLY, 1990, p.2).

Estudo da experiência

Adotar a proposta da pesquisa narrativa apresentada por Jean Clandinin (2006; 2007; 2013), implica aceitar que narrativas correspondem a um aspecto parcial da realidade vivenciada e que seu registro, com fins acadêmicos, implica em concessões e ajustes, os quais podem ser concebidos como perdas e ganhos que navegam na área de intersecção entre possíveis distorções e os objetivos da pesquisa desenvolvida.

⁶Narrative inquiry is a way of studying people’s experiences, nothing more and nothing less.

⁷Thus, the study of narrative is the study of the ways humans experience the world. This general concept is refined into the view that education and educational research is the construction and reconstruction of personal and social stories; learners, teachers and researcher are storytellers and characters in their own and other’s stories.

Diante deste fato, estabelece-se um ponto constante de referência a partir do qual as relações são observadas: o estudo da experiência. Clandinin (CLANDININ *in* BARRET; STAUFFER, 2009) esclarece que seu pensamento diante da narração da experiência abrange as experiências de si própria, das crianças, dos professores, dos pais e de outros. Seu objetivo é compreender aquilo que envolveu (*embodied*) as pessoas nos diferentes aspectos, tanto do ponto de vista pessoal, quanto do ponto de vista social. Para a autora, é importante prestar atenção nas particularidades dos momentos e dos lugares onde as histórias são contadas e recontadas, bem como prestar atenção aos contornos social, cultural e institucional que “moldam” cada pessoa individualmente.

As pessoas moldam seu cotidiano por histórias de quem elas e os outros são e interpretam seu passado em termos dessas histórias. História, na linguagem atual, é um portal através do qual uma pessoa entra no mundo e pelo qual sua experiência do mundo é interpretada e feita pessoalmente significativa. Pesquisa narrativa, o estudo da experiência como história, pois, é primeiro e acima de tudo, uma maneira de pensar sobre a experiência. A investigação narrativa como metodologia implica uma visão do fenômeno. Usar a metodologia da pesquisa narrativa é adotar uma visão particular da experiência como fenômeno em estudo.⁸ (CONNELLY; CLANDININ; *apud* CLANDININ, 2006, p. 45).

O conceito de experiência adotado para esta modalidade de pesquisa, segundo Clandinin (2006), é o proposto por John Dewey no livro *Experiência e educação* (1976).

Minha visão da experiência é moldada pelas idéias de Dewey (1934, 1938⁹) e, ao longo dos anos, tornou-se uma visão profundamente narrativa da experiência. Enquanto Dewey se concentrou nos princípios de continuidade e interação dentro das situações como um modo de pensar sobre a experiência, Michel Connelly e eu (1988) começamos a pensar a respeito da conceitualização de experiência de Dewey de uma forma profundamente narrativa¹⁰. (CLANDININ, *in* BARRET; STAUFFER, 2009, p. 204)

⁸People shape their daily lives by stories of who they and others are and as they interpret their past in terms of these stories. Story, in the current idiom, is a portal through which a person enters the world and by which their experience of the world is interpreted and made personally meaningful. Narrative inquiry, the study of experience as story, then, is first and foremost a way of thinking about experience. Narrative inquiry as a methodology entails a view of the phenomenon. To use narrative inquiry methodology is to adopt a particular view of experience as phenomenon under study.

⁹Clandinin se refere aos seguintes textos de Dewey: *A arte como experiência e Experiência e Educação*.

¹⁰My view of experience is one shaped by the ideas of Dewey (1934, 1938), and it has, over the years, become a deeply narrative view of experience. While Dewey focused on the principles of continuity and interaction within situations as a way of thinking about experience, Michel Connelly and I (1988) began to think about Dewey’s conceptualization of experience as a profoundly narrative one (CLANDININ, *in* BARRET; STAUFFER, 2009, p. 204).

O conceito deweyano foi esclarecido no capítulo anterior, sendo desnecessário retomar suas bases. A metodologia apoia-se no princípio de interação, ao considerar que as pessoas precisam ser compreendidas como indivíduos em relação a um contexto social: “Para Dewey, a experiência é pessoal e social. Tanto o aspecto pessoal quanto o social estão sempre presentes” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 30); e no princípio da continuidade, ao aceitar que cada experiência influencia a percepção das demais: “a noção de que a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e de que experiências levam a outras experiências” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 30). Ao apropriar-se da teoria deweyana, é concebido um espaço tridimensional, em que a história abarca as dimensões: da interação (pessoal e social); da continuidade (passado, presente e futuro) e da situação (lugar no tempo e no espaço). Isso quer dizer que os “estudos apresentam dimensões temporais e remetem problemas temporais; focalizam o pessoal e o social em um equilíbrio apropriado para a pesquisa; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares”¹¹ (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. 50).

Os dois critérios de experiência de Dewey - interação e continuidade concretizados em situações - fornecem a base para vislumbrar uma concepção narrativa da experiência por meio de um espaço tridimensional, apresentando dimensões de temporalidade, localização e aspectos sociais¹². (CLANDININ, 2013, p. 12).

A intenção é pensar a experiência de forma global, complexa. Deseja-se que além da valorização pessoal, exista uma exploração social, cultural, familiar, linguística e institucional no contexto em que as experiências ocorreram e foram expressadas.

Entendidas dessa maneira, as investigações narrativas começam e terminam nas vidas historizadas das pessoas envolvidas. Investigadores narrativos estudam a experiência individual no mundo, uma experiência que é contada tanto pelo viver quanto pelo narrar, e isso pode ser estudado ouvindo, observando, vivendo ao lado um do outro, escrevendo e interpretando textos. Através da investigação, procuramos maneiras de enriquecer e transformar essa experiência para os envolvidos e para os outros¹³. (CLANDININ, 2013, p. 18).

¹¹Studies have temporal dimensions and address temporal matters; they focus on the personal and the social in a balance appropriate to the inquiry; and they occur in specific places or sequences of places.

¹²Dewey's two criteria of experience - interaction and continuity enacted in situations - provide the grounding for attending to a narrative conception of experience through the three-dimensional narrative inquiry space with dimensions of temporality, place, and sociality.

¹³Understood in this way, narrative inquiries begin and end in the storied lives of the people involved. Narrative inquirers study the individual's experience in the world, an experience that is storied both in

Pesquisador participante

Nesta modalidade de pesquisa, o pesquisador é participante, a pesquisa torna-se *nós*, sua presença faz parte da experiência em estudo. Considerar a modalidade narrativa sob a perspectiva de Clandinin, isto é, como ela expõe em seus textos, principalmente em *Engaging in Narrative Inquiry* (2013), implica reconhecer, necessariamente, a presença da subjetividade e o fato de que o pesquisador buscará ter uma relação pessoal próxima com os demais participantes.

Nós não somos investigadores objetivos. Somos investigadores relacionais, atentos aos espaços intersubjetivos, relacionais e incorporados, nos quais vidas são vividas. Não estamos metaforicamente fora da investigação, mas fazemos parte do fenômeno em estudo¹⁴. (CLANDININ, 2013, p. 24).

Nossa abordagem a essa cartografia conceitual não será ingenuamente objetivista. Nós não presumimos que temos acesso a uma posição fora da história do campo, a partir da qual documentamos imparcialmente todas as suas partes. Afinal, estamos entre aqueles cujo trabalho faz parte do que é mapeado¹⁵. (CLADININ; ROSIEK, 2007, p. 37).

Clandinin e Connelly (2000, p. 50) explicam ser previsto que o pesquisador trabalhe fazendo perguntas e colabore para que o pesquisado se manifeste em quatro direções: para dentro, para fora, para trás e para frente. Isso quer dizer, que se espera que ele atue em direção ao interior e exterior: às condições internas do pesquisado (sentimentos, esperanças, reações estéticas e disposições morais) e às condições do ambiente; além disso, o movimento dito “para trás e para frente” refere-se ao movimento no tempo, relacionando passado, presente e futuro”.

Neste contexto, espera-se que o pesquisador seja criativo e esteja aberto a diversas possibilidades ao compor suas fontes. Por exemplo, que se utilize de fotografias, transcrições de entrevistas, notas de campo, diários, entrevistas, perguntas, histórias contadas, cartas escritas, autobiografias, interpretações

the living and telling and that can be studied by listening, observing, living alongside another, and writing and interpreting texts. Through the inquiry, we seek ways of enriching and transforming that experience for themselves and others.

¹⁴We are not objective inquirers. We are relational inquirers, attentive to the intersubjective, relational, embedded spaces in which lives are lived out. We do not stand metaphorically outside the inquiry but are part of the phenomenon under study.

¹⁵Our approach to this conceptual cartography will not be naively objectivist. We do not assume we have access to a stance outside of the history of the field, from which to impartially document all its parts. We are, after all, among those whose work is part of what is being mapped.

derivadas, e o que mais achar necessário para, a partir delas, escrever textos que abordem as direções mencionadas acima. Clandinin e Connelly (1990) sublinham que é importante o pesquisador estar consciente dos seus objetivos, das suas finalidades desde o início da pesquisa, para que isto o auxilie na coleta de dados.

Segundo Wayne Bowman (*in* BARRET; STAUFFER, 2009, p. 220), trabalhar com pesquisa narrativa exige algumas habilidades do pesquisador. Dentre essas habilidades, entende-se que ele deva demonstrar interesse por pessoas; sentir conforto com a ambiguidade, complexidade e contradição; e ter desejo de ser tocado como ser humano, o que é considerado como desejo de reinventar a si e ao seu trabalho aceitando que a jornada de cada nova narrativa seja uma oportunidade de recomeçar (*fresh start*). Compreende-se, então, que esse tipo de pesquisa seja, antes de tudo, um processo que coloca o pesquisador como pessoa, dentro da pesquisa acadêmica.

Desenvolvimento da pesquisa

Em Clandinin e Connelly (1990; 2000) e Clandinin (2007), os autores explicam que a pesquisa narrativa não tem por objetivo a generalização. O foco é posto na história, no particular, na compreensão de uma situação específica, na busca do entendimento da experiência narrada. Busca-se aprofundar-se na experiência, concebendo inclusive um processo de certa abstração do que é externo a ela, como se o espaço no qual ela acontece fosse relativamente isolado e único. A intenção é pôr à mostra e trazer para o estudo acadêmico aquilo e aqueles que, habitualmente, não têm voz. “A regra geral é evitar tais generalizações e se concentrar no evento, em um processo denominado por nós como entocamento”¹⁶ (CLANDININ; CONNELLY, 1990, p. 11).

A pesquisa narrativa é primordialmente relacional. Trabalhar neste campo envolve considerar relações das pessoas com seu mundo físico e psíquico e das pessoas entre si, entre pessoas e lugares, entre acontecimentos e sentimentos, entre passado, presente e futuro, entre culturas, instituições e o que mais surgir. É preciso

¹⁶The useful rule of thumb is to avoid making such generalizations and to concentrate on the event, in a process we have termed *burrowing*.

pensar de forma relacional. “Pesquisa narrativa são pessoas em relações estudando pessoas em relações”¹⁷ (CLANDININ, 2013, p. 23).

Quando entramos nas relações da investigação narrativa, começamos o curso das negociações que são parte do comprometimento com a pesquisa. Negociamos relacionamentos, propósitos de pesquisa, transições, bem como a maneira de sermos úteis nessas relações. Essas negociações ocorrem em cada momento, em cada encontro, às vezes de maneiras que não percebemos. Negociações também ocorrem de forma intencional e consciente, à medida que trabalhamos com nossos participantes durante a pesquisa¹⁸. (CLANDININ, 2006, p. 47).

O investigador deve considerar o pressuposto segundo o qual a maneira como nos percebemos e nos retratamos molda nossa maneira de pensar. Existe uma interconexão entre as histórias que contamos e a maneira como nos vemos representados no mundo. Vivemos nossas histórias concomitantemente, nos âmbitos cultural, pessoal e institucional. Aceita-se que a maneira como retratamos nossas histórias está diretamente relacionada com a forma pela qual nos percebemos no mundo. Ao contarmos histórias podemos modificar nossa autopercepção em relação a elas. Em decorrência, podem surgir decisões tomadas a partir dessas novas clarificações. É preciso considerar que, por vezes, o fato de confiar em alguém para falar, modifica vidas. O investigador precisa estar consciente de exercer este papel e ter uma atitude profundamente ética e respeitosa ao longo de todo o processo, porque, ao assumir esta posição, “podemos mudar não apenas nossas próprias vidas e a daqueles que convivem conosco, mas também a vida dos participantes e daqueles que vivem relacionados a eles”¹⁹ (CLANDININ, 2013, p. 23).

Ao englobar pesquisado e pesquisador no espaço da pesquisa, esta proposta torna o pesquisador visível no enredo, pois, muitas vezes, na interação, suas próprias histórias são vivenciadas e contadas. Em decorrência, aceita que exista um confronto pessoal constante, de forma que o pesquisador também viva a sua própria experiência. Considera-se “impossível (ou, se não impossível, deliberadamente autoenganador) um pesquisador permanecer silencioso ou apresentar-se como uma

¹⁷ Narrative inquiry is people in relation studying people in relation.

¹⁸As we enter into narrative inquiry relationships, we begin the ongoing negotiations that are part of engaging in a narrative inquiry. We negotiate relationships, research purposes, transitions, as well as how we are going to be useful in those relationships. These negotiations occur moment by moment, within each encounter, sometimes in ways that we are not awake to. The negotiations also occur in intentional, wide awake ways as we work with our participants throughout the inquiry.

¹⁹Because we might change not only our own lives and those who live in relation with us but also the lives of participants and those others who live in relation with them.

espécie de ser perfeito, idealizado, investigativo e moralizante” (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. 62)²⁰.

Para o observador participante, compreende-se que a opção da utilização da pesquisa narrativa exige uma abertura à experiência, um mergulho na atividade, deixando a objetividade distanciada para uma etapa posterior do trabalho. É preciso estar consciente de que as vidas dos participantes e, portanto, suas histórias, não começam quando o pesquisador chega e nem acabam quando ele parte, como explicado por Clandinin e Connelly (2000, cp. 5, p. 63-79). É um processo de aproximação e vivência por parte do pesquisador, que precisa desenvolver uma relação pessoal e íntima com os participantes e ambientes; é, também, um processo de negociação visto que a narrativa é construída conjuntamente com o narrador.

Esta situação também se reflete na história do pesquisador como pessoa, em suas expectativas, suas crenças, seus preconceitos, que podem ser questionados em vários momentos, e vir, mesmo, a modificar sua visão de todo o processo. Seguir esta proposta metodológica, portanto, implica estar consciente de que a experiência coloca o pesquisador tecido dentro das histórias de todos. O pesquisador está no meio da trama. Sendo assim, está contido o risco de mudança, também para o pesquisador. “Ninguém sai de uma pesquisa narrativa inalterado”²¹ (CLANDININ, 2013, p. 201).

A história narrada está sendo contada para uma pessoa ou grupo de pessoas, em um determinado ambiente e lugar, podendo-se supor que ela poderia sofrer modificações e ser contada de uma maneira diferente, em outro contexto. Também se antevê a possibilidade de, ao contar uma história passada, a pessoa vir a percebê-la sob um prisma diferente do anterior e, a partir disso, alterar seu entendimento da situação vivida no passado e, também, modificar seu futuro, a partir dessa nova percepção. “As pessoas vivem histórias e, ao contá-las, reafirmam-nas, modificam-nas e criam novas. Histórias vividas e narradas educam quem as conta e aos outros”²² (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. XXVI).

Entende-se que, ao mesmo tempo em que a pesquisa narrativa estuda uma experiência, ela cria outra, que se dá no momento e na interação do pesquisador com

²⁰[...] impossible (or, if not impossible, then deliberately self-deceptive) as researcher to stay silent or to present a kind of perfect, idealized, inquiring, moralizing self.

²¹No one leaves a narrative inquiry unchanged.

²²People live stories, and in the telling of these stories, reaffirm them, modify them, and create new ones. Stories lived and told educate the self and others.

os pesquisados, isto é, na situação em que a pesquisa ocorre. Sendo assim, a pesquisa narrativa torna-se, concomitantemente, uma metodologia e um fenômeno.

O pesquisador narrativo compartilha sua escrita, registra seus textos de campo, negocia com participantes e os reescreve. Espera-se que exista coparticipação do(s) pesquisado(s) na elaboração de textos, que devem ser lidos por eles e reescritos pelo pesquisador até que componham um sentido comum.

Na investigação narrativa, passamos de textos de campo para textos intermediários e, deles, para textos finais da pesquisa que são tornados públicos. Cada etapa é um movimento de co-composição, um avanço que deve ser cuidadosa e respeitosamente negociado²³. (CLANDININ, 2013, p. 200).

É “uma colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo do tempo, em um lugar ou em uma série de lugares, e em interação social com os *milieus*”²⁴ (CLANDININ; CONNELLY, 2000, p. 20). Como o pesquisador é considerado uma pessoa participante do processo e, portanto, sujeito às interferências e influências da situação, sua compreensão dos fatos pode ser questionada a cada momento pelos demais envolvidos na pesquisa. As opiniões devem ser levadas em consideração e provocar revisões nos textos. Também pode ocorrer que a versão da história escrita pelo pesquisador gere clarificações ao(s) participante(s) narrador(es) que promova(m) reorganizações na narração. O essencial é que, ao final, a história que fique para o trabalho científico seja a versão construída pelo par ou pelo grupo.

A escrita é um trabalho de parceria; existe o compromisso do pesquisador de apresentar sua versão da história ao narrador, e chegar a uma finalização que represente o que o narrador, realmente, quis dizer. Este é um perfil de pesquisa em que, realmente, existe um relacionamento com os participantes, até a escrita final. Metaforicamente, seria como andar em uma bicicleta de dois lugares, onde ambos, pesquisador e pesquisado, colaboram para chegar a uma única direção. É comum,

tanto trabalhar com os participantes ao longo da escrita, em cujo caso os registros do trabalho em si constituem dados, quanto trazer

²³In narrative inquiry we move from field texts to interim research texts and to final research texts that are made public. Each move is a move of co-composing, a move that must be carefully and respectfully negotiated.

²⁴ It is collaboration between researcher and participants, over time, in a place or series of places, and in social interaction with milieus.

documentos escritos de volta aos participantes para discussões finais²⁵. (CLANDININ; CONNELLY, 1990, p. 12).

O movimento que se apresenta nos textos de campo, até o texto final, tornado público, precisa ser, o tempo todo, acompanhado pelos participantes. Cada etapa corresponde a uma composição partilhada, que precisa ser cuidadosamente negociada. É previsto que se ofereça espaço ao pesquisado para modificar palavras, acrescentando ou excluindo anotações.

A negociação dos textos de pesquisa cria um espaço no qual a autoridade narrativa dos participantes é honrada. As questões de anonimato e confidencialidade ganham importância à medida que a complexidade das vidas é tornada visível nos textos de pesquisa. É importante compreender os espaços de investigação narrativa como espaços de pertencimento para pesquisadores e participantes - espaços sempre marcados por ética e atitudes de abertura, vulnerabilidade mútua, reciprocidade e atenção.²⁶ (CLANDININ, 2013, p. 200).

Prevê-se, também, a possibilidade de, quando necessário, os escritos serem lidos por terceiros, como é o caso de um orientador de pesquisa, a fim de que eles auxiliem o pesquisador a enxergar, nos textos, sentidos que ainda não tenham sido abordados.

Existe uma preocupação profunda e incontestável com a ética e o respeito humano. O pesquisador deve se comprometer com os critérios exigidos em conselhos de ética reguladores, mas não se restringir à aprovação recebida. A ética em direção aos participantes deve continuar ao longo de toda a pesquisa, isto é, durante o tempo de entrevistas e coleta de histórias e ao longo da escrita do trabalho.

Todas essas experiências da pesquisa são profundamente imbuídas de ética. Permanecemos tão despertos ao que nós somos dentro do espaço da pesquisa e à maneira como nossa presença molda os espaços entre nós e os participantes quanto podemos ser.²⁷ (CLANDININ, 2013, p. 199).

²⁵To either work with participants throughout the writing, in which case records of the work itself constitute data, or to bring written documents back to participants for final discussions.

²⁶Negotiating research texts creates a space where participants' narrative authority is honored. Issues of anonymity and confidentiality take on added importance as the complexity of lives are made visible in research texts. It is important to understand narrative inquiry spaces as spaces of belonging for both researchers and participants – spaces that are marked always by ethics and attitudes of openness, mutual vulnerability, reciprocity, and care.

²⁷All of these experiences of the inquiry are deeply imbued with ethics. We remain as wakeful as we can be to who we are in the inquiry space and to how our presence shapes spaces between us and participants.

Privilegia-se a confiança. E a maneira de tecer a escrita do trabalho final, o tempo todo em acordo com os participantes, demonstra que esta metodologia incorpora um senso humanista sincero e coerente.

nós precisamos entender ética como pertencente às situações de negociação, respeito, mutualidade e abertura a múltiplas vozes. [...] Nós devemos fazer mais do que preencher formulários necessários para os conselhos institucionais de ética em pesquisa (CLANDININ, 2006, p. 52)²⁸.

A pesquisa narrativa, como explicado em Clandinin e Connelly (2000) não é apenas um processo de relatar histórias narradas acrescidas de um complemento reflexivo. A análise, considerada a partir do ponto de vista do pesquisador, exige a busca e conexão dos assuntos e cenários por meio de uma leitura e releitura, que poderia ser infinita. A partir do objetivo traçado no início da pesquisa, os pesquisadores narrativos organizam seus textos de campo, tematizando-os e procurando respostas às questões estabelecidas. É previsto que os resultados assinalados pelo pesquisador sejam lidos tanto pelos participantes quanto por outros leitores, para que possam colaborar com questionamentos. Em grande parte das vezes, o segundo leitor é o orientador da pesquisa.

Considerações finais

A partir do exposto, entende-se que a pesquisa narrativa proporciona a possibilidade de uma abordagem profundamente ética e humana tanto no convívio entre participantes e pesquisador quanto na finalização do texto. A compreensão das bases desta modalidade de pesquisa colabora para vislumbrar múltiplas possibilidades de sua aplicação. Concebida por Clandinin direcionada à área da educação, a pesquisa narrativa mostra-se interessante para todo perfil de estudo que deseje pesquisar a experiência humana sob o ponto de vista da pessoa, sendo aplicável a diversas áreas de pesquisa.

²⁸We need to imagine ethics as being about negotiation, respect, mutuality and openness to multiple voices. [...] We must do more than fill out required forms for institutional research ethics boards.

Referências

- BARRETT, MARGARET S.; STAUFFER, SANDRA L. (ed.) **Narrative inquiry in music education: troubling certainty**. *Online*: Springer Netherlands, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-1-4020-9862-8>. Acesso em: 2 out. 2016.
- CLANDININ, D. Jean. **Engaging in narrative inquiry**. New York: Routledge, 2013.
- CLANDININ, D. Jean. **Handbook of narrative inquiry: mapping a methodology**. USA: Sage Publications Inc., 2007.
- CLANDININ, D. Jean. Narrative Inquiry: A Methodology for studying lived experience. **Research Studies in Music Education**, v. 27, n. 1, p. 44-54, dez. 2006. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/toc/rsma/27/1>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2000.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa narrativa**. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Stories of experience and narrative inquiry. **Educational Researcher**, Washington, v. 19, n. 5 Jun./Jul., p. 2-14, 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1176100>. Acesso em: 6 set. 2011.
- CLANDININ, D. Jean; ROSIEK, Jerry. Mapping a landscape of narrative Inquiry: borderland spaces and tensions. *In*: CLANDININ, D. Jean. **Handbook of narrative inquiry: mapping a methodology**. USA: Sage Publications Inc., 2007. p. 35 - 76.
- DEWEY, John. **Experiência e educação**. Trad. Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- GLASER, Scheilla Regina. **Desatando nós: estudo a respeito de desconfortos gerados no processo de aprendizado performático-pianístico**. Orientadora: Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193036>.